

mesma parte exterior ... huma imagem da invocação de N. Senhora da Pena e que por baixo do nicho, em que está colocada a imagem de N. Senhora da Pena aparece huma pedra moldurada em quadro com 5 vieiras postas em aspa. Seria o escudo do abade Fr. Nicolau Vieira, que dirigiu os destinos de Alcobaça entre 1461 e 1475, que, portanto, teria efectuado obras na torre. Na face norte da fortificação encontram-se vestígios de um muro suplementar – a barbacã do castelo, que alguns autores atribuem ao século XIV –. O pátio do castelo, posto que de reduzidas dimensões, albergava diversas construções adossadas às muralhas, que as escavações arqueológicas dirigidas por Jorge M. A. António evidenciaram. E, ao centro, de acordo com Fr. Manuel de Figueiredo, localizava-se a cisterna. Quando o cronista descreveu o castelo ainda se viam quatro colunas no pátio, que tinham servido de sustentação para estrutura então já desaparecida.

As ruínas do castelo de Alcobaça foram objeto de escavações arqueológicas em 1982 (Pedro Gomes Barbosa) e entre 2002 e 2004 (Jorge M. Assunção António).

Texto: MJB - Fotos: JNG

Bibliografia

ALMEIDA, J., 1945, II, pp. 192-194; ANTÓNIO, J.M.A., 2006, pp. 23-32; BARBOSA, P.G., 1991, pp. 59-73; BEAUMONT, M.A.M., 1975, n.º 174, pp. 88 e 157; DIAS, L.F.C., 1961-69, III, pp. 148-154; DMP, DR, doc. n.º 243 (de 1153, Abril, 8); DS, doc. n.º 194 (de 1210, outubro); FIGUEIREDO, J., 1964, pp. 225-240; FIGUEIREDO, M., 1932, pp. 215-223; LARCHER, J.N., 1933, pp. 15-34; PORTAL DO ARQUEÓLOGO; SEQUEIRA, G.M., 1955, V, p. 15; SIPA; VISITAÇÕES CIST., Visit. 1 (de 1484, fevereiro, 22) e doc. n.º 13 (de 1537, junho, 4).

Mosteiro de Santa Maria

O MOSTEIRO DE SANTA MARIA dista cerca de 2 km da Câmara Municipal de Alcobaça. Sair da Câmara pela avenida Manuel da Silva Carolino em direção à avenida dos Combatentes/ N8; virar à direita para a

referida avenida, seguir pela N8/ rua Costa Veiga e na rotação seguir pela primeira saída para a rua da Levadinha. Virar à direita para a rua Dr. Francisco Zagalo e continuar pela rua Frei Estevão. O mosteiro encontra-se à direita.



Vista do mosteiro a partir da cabeceira



Fachada principal

O enquadramento do mosteiro de Alcobaça é urbano, destacando-se pela sua monumentalidade e pelo equilíbrio dos edifícios que o compõem. Santa Maria de Alcobaça (1153) foi a terceira fundação cisterciense em Portugal, logo a seguir a São João de Tarouca (1144) e a Santiago de Sever, ambas no distrito de Viseu. Seguiu-se Santa Maria de Salzedas, São Cristóvão de Lafões e Santa Maria do Bouro, entre outras ainda no século XIII. No início do século XIII, destaca-se o mosteiro de São Mamede de Lorvão, antigo mosteiro beneditino e convertido em comunidade monástica feminina cisterciense. Lorvão albergava um dos três mais importantes *scriptoria* medievais, a par do de Santa Cruz de Coimbra e de Santa Maria de Alcobaça.

Em 1608, a igreja do mosteiro foi convertida em paróquia e o seu orago é o Santíssimo Sacramento.

D. Afonso Henriques, em 8 de abril de 1153, doou e coutou ao abade Bernardo de Claraval e a todos os seus monges e sucessores, um vasto território de cerca de 44 000 ha, situado entre os castelos de Leiria e Óbidos e da serra dos Candeeiros até ao mar, com a obrigação expressa de proceder ao seu povoamento. No ano anterior, em 1152, havia sido aprovado em Capítulo Geral da Ordem de Cister, a construção de um mosteiro no território que D. Afonso Henriques fazia agora doação. A chamada Abadia Velha, edificada na denominada área da Chiqueda, a leste do atual mosteiro, tem a sua fundação celebrada por

inscrição comemorativa que se encontra atualmente embutida na face interna da parede da nave norte, à direita do portal que da igreja dá acesso ao claustro. Trata-se de uma cópia executada no século XVII e a leitura proposta por Mário Barroca é a seguinte,

TEMPLA DVO POSVIT FACTI MONVMENTA POTENTIS / ALFONSVS POPVLI GLORIA MAGNA SVI . / VALLIBVS HIS PRIMVM STRVXIT NON GRAENDE [sic] SACELLVM / ANNO QVEM LECTOR CRVX TIBI SANCTA NOTAT . / [+] E . M . C . XC . XI . KALendas . OCTObris .

Quatro anos mais tarde, em 1157, D. Afonso Henriques concede ao mosteiro e seus homens isenção de portagem, promovendo a dinamização económica e comercial da região. Carlos Alberto Ferreira de Almeida e Mário Barroca convocam a importância da exploração agrícola e de algumas granjas como garantia do poder económico da abadia. O novo mosteiro foi então edificado junto da confluência dos ribeiros Alcoa e Baça. Assim, em 1178 terá início a construção do mosteiro, substituindo o edifício provisório erguido em madeira, designado por Santa Maria-a-Velha (hoje igreja de Nossa Senhora da Conceição). A edificação encontra-se registada no seguimento da epígrafe anterior (cópia do século XVII), comemorando a fundação da Abadia Nova. A leitura de Mário Barroca é a seguinte,

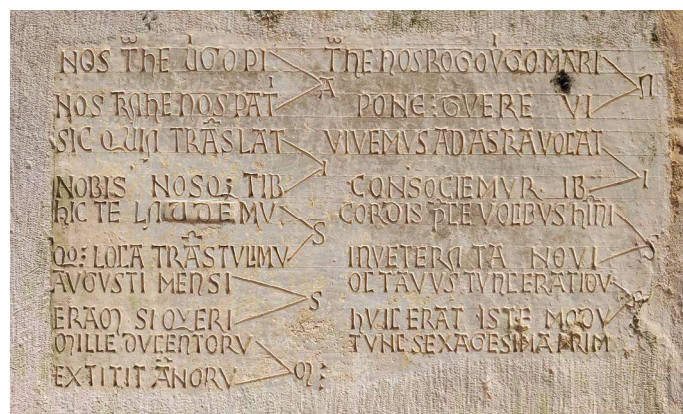


Fachada norte do conjunto monástico

INDICAT EN DIGITVS QVO FVNDAMENTA SECVNDI / HVIVS ET
INGENTIS TEMPORE IACTA FORENT . / E(ra) . M . CC . XVI .
VI . NONAS [sic] . MAII . / F . G . F . C .

A construção de uma nova abadia era concebida e dirigida por monges-arquitetos, instruídos nas exigências da espiritualidade Cisterciense e provenientes das casas-mãe das novas fundações, neste caso Claraval. D. Sancho I confirma, em 1186, a doação de seu pai ao mosteiro. É no apêndice ao testamento de D. Sancho I, de 1188, que encontramos duas doações régias, uma especificamente para as obras em curso no mosteiro de Alcobaça e outra para objetos litúrgicos, nomeadamente cálices. D. Dulce, mulher do monarca, ofertou ao mosteiro um cálice em prata, com inscrição invocativa dessa doação e que se encontra atualmente no Museu Nacional de Arte Antiga. No segundo testamento régio de D. Sancho I, datado de 1210, Alcobaça surge como depositária do tesouro real.

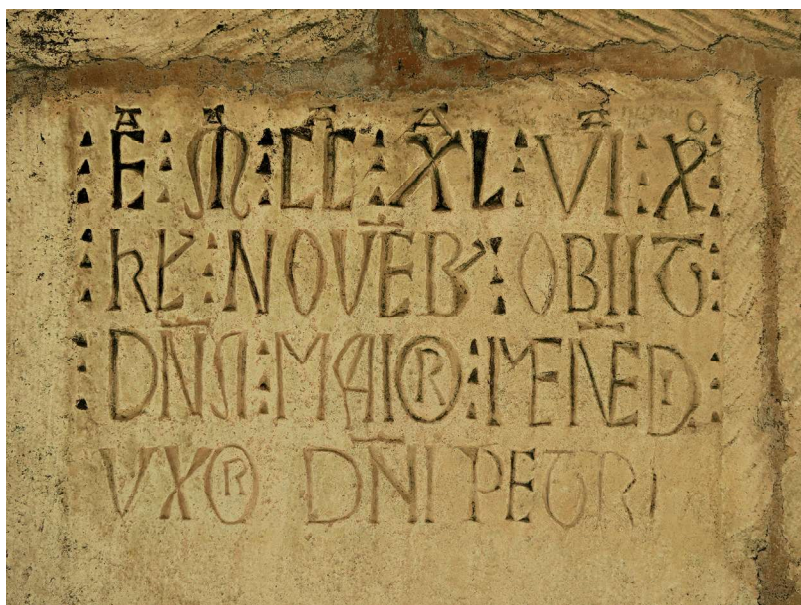
Em 1184 e 1195, ataques muçulmanos destruíram os edifícios já erguidos e obrigaram à dispersão dos monges. Este clima de insegurança justificou a construção do castelo de Alcobaça. Em 1223, os monges foram novamente instalados no mosteiro, em dependências recém edificadas. No claustro do Silêncio existe uma inscrição comemorativa desta transferência. Segundo Mário Barroca, esta



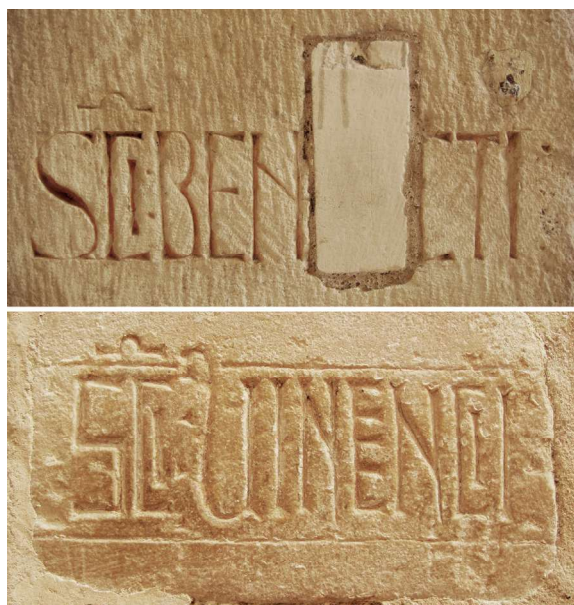
Inscrição alusiva à chegada dos monges à Abadia Nova

inscrição rimada terá sido criada por Martinho, monge alcobacense, no *scriptorium* do próprio mosteiro.

O túmulo de D. Afonso II recorda a morte do monarca em 1223. Também a rainha D. Dulce, mulher de D. Afonso II, determinou, em testamento (1214), ser sepultada no mosteiro de Alcobaça. A galilé de Alcobaça foi construída por ordem de D. Afonso II para receber as sepulturas reais, mas ruuiu no início do século XVI, durante o abaciado de D. Jorge de Melo (1505-1519). D. Sancho II, filho de D. Afonso II, também expressou em vida vontade

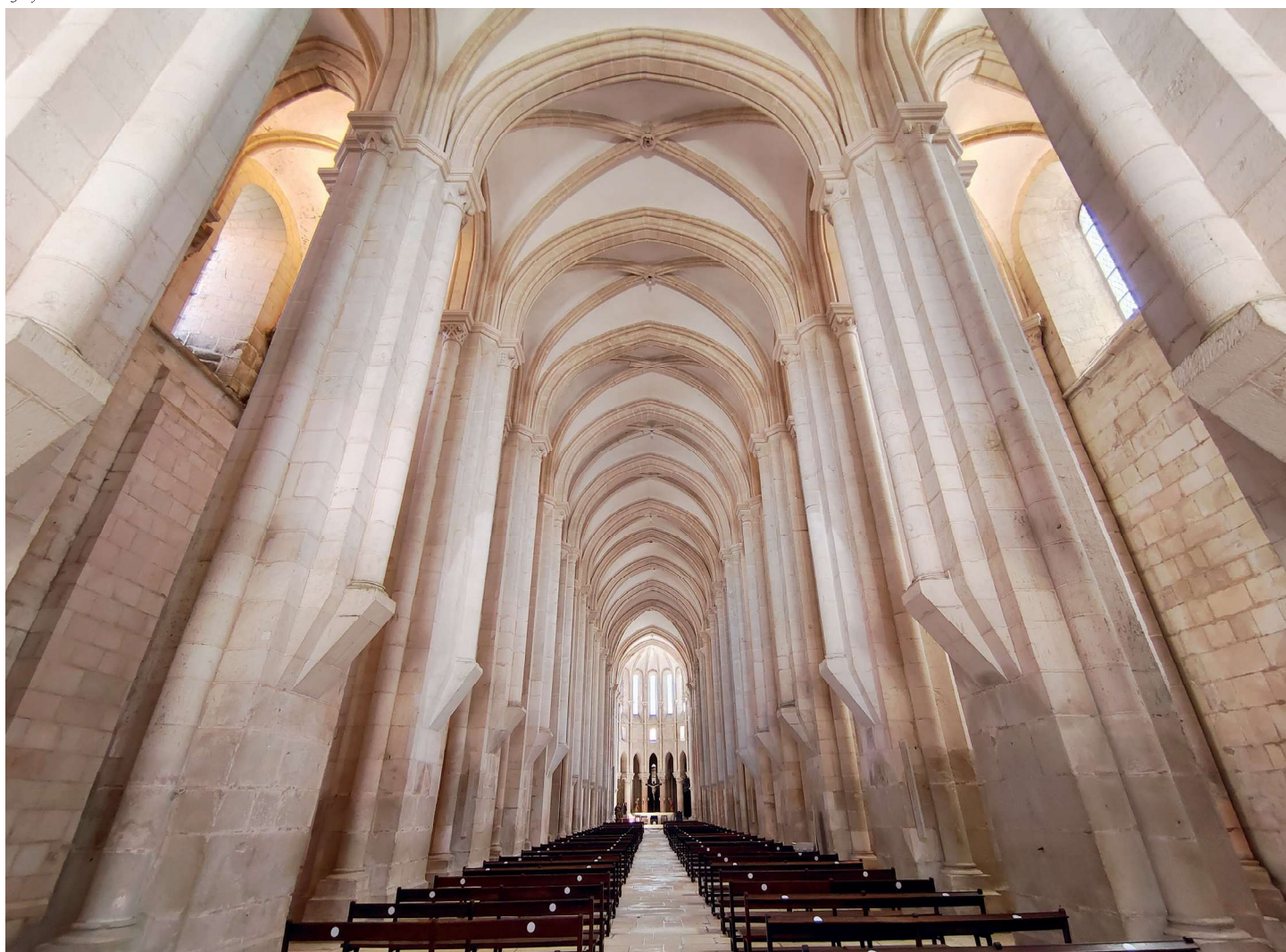


Claustro do Silêncio. Inscrição funerária de Dona Maior Mendes, falecida em 1208"



Inscrições alusivas a S. Bento e S. Vicente, nas paredes exteriores da igreja

Igreja



testamentária de ser aí sepultado, apesar de não o ter concretizado, devido ao exílio forçado em Castela.

No mosteiro de Alcobaça encontram-se várias epígrafes funerárias, datadas do século XIII em diante, as quais foram registadas por Mário Barroca na obra *Epigrafia Medieval Portuguesa*. O mesmo autor trata ainda diversas outras epígrafes, algumas relativas aos oragos das capelas do deambulatório, datadas também do século XIII.

As instalações monásticas terão ficado prontas em 1240. Nessa altura mantinha-se ainda o culto na igreja da Abadia Velha. A edificação do novo templo foi mais demorada, ainda estando inacabado em 1253, quando foi sagrado. D. Afonso III doou 3 000 libras para a construção do claustro e deixou expressa a vontade de ser sepultado no mosteiro. O claustro do Silêncio foi construído a expensas de D. Afonso III, mas já no reinado de seu filho D. Dinis, entre 1308 e 1311, conforme inscrição na parede fronteira à sala do Capítulo. Este claustro foi posteriormente modificado no tempo de D. Manuel.

Em 1320, no Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, mandado realizar por D. Dinis para obter financiamento para a Cruzada, a abadia de Alcobaça, entre as Igrejas de Alenquer, foi taxada na elevada quantia de 18 000 libras, reflexo do dinamismo económico do mosteiro.

A entrada de abades comendatários no mosteiro, em 1475, originou a decadência da vida conventual. A partir de 1533, o cardeal infante D. Afonso, irmão de D. João III, conseguiu restabelecer a disciplina entre a comunidade. Ao longo dos séculos XVI e XVII sucederam-se várias campanhas de obras no mosteiro. Em 1567, o papa Pio V isenta o abade e os monges de Alcobaça da jurisdição da Ordem de Cister. É instaurada a Congregação Cisterciense de São Bernardo de Alcobaça que vigorou até à extinção das ordens religiosas, em 1834. O período que sucedeu à restauração da independência (1640-1660) caracterizou-se por uma intensa vida intelectual e artística. O terramoto de 1755 e a grande inundação de 1772 provocaram grandes danos no complexo monástico e obrigaram a dispendiosas obras de reconstru o e restauro. Na seqüencia da extin o das ordens religiosas de 1834 passou a igreja a exercer a fun o de paroquial. L cia Rosas regista um conjunto significativo de interven es na igreja realizadas durante a segunda metade do século XIX.

O mosteiro de Santa Maria de Alcobaça foi fundado em meados do século XII. Trata-se de uma edifica o que, apesar de cronologicamente ser coeva da maior parte das edifica es românicas de grandes mosteiros, como São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim) ou Salvador de Travanca (Amarante), a verdade   que a sua edifica o foi iniciada conforme os mais avançados modelos cistercienses do



Aspeto da cabeceira a partir do deambul rio

Cruzeiro. Em primeiro plano, túmulo de D. Pedro I, ao fundo, a porta de acesso ao dormitório dos monges



tempo, sendo portanto responsável pela introdução entre nós de uma série de inovações características já da arquitetura gótica. Vários autores reconhecem que a igreja de Alcobaça se inspirou em Claraval III, bem como a existência de semelhanças entre esta igreja e a de Pontigny, cuja renovação terminava quando se começou a edificar o mosteiro português.

A igreja de três naves e transepto saliente tem charola dotada de deambulatório com suas capelas radiais. É totalmente abobadada, com cobertura de cruzaria, sendo as arcadas das laterais peraltadas. A planimetria da igreja, conjugada com elementos estruturais de que destacamos a presença de arcobotantes, a redução da espessura dos muros e a redução dos contrafortes a simples colunas adossadas, confirmam a novidade da fábrica de Alcobaça. Contudo, há evidentes sinais que mostram que houve alterações ao nível da obra e que visaram, nas palavras de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, goticizar mais a arquitetura. Tal dever-se-á à chegada de um novo mestre ainda antes de estarem terminadas as obras da cabeceira, pelo que se identificam claras diferenças entre as nervuras da charola e as da capela-mor e transepto. Além disso, persistem ainda capitéis que se aproximam da estética de Coimbra na cobertura do transepto e naves.

Considerado um dos grandes estaleiros da idade média portuguesa, o mosteiro de Alcobaça é ainda hoje um dos mais monumentais conjuntos que permite documentar e compreender a dinâmica dos espaços monásticos. A norte da igreja edificou-se o seu claustro, aspeto justificado por problemas de saneamento das águas. Em torno dele distribuem-se as dependências monásticas edificadas durante o século XIII como a Sala do Capítulo, a Sacristia, o Dormitório, a Sala dos Monges e o Refeitório. No transepto persistem os notáveis túmulos de D. Pedro e D. Inês, peças magistrais da tumulária gótica, erguidos no transepto e voltados um para o outro.

A atividade do *scriptorium* do mosteiro de Alcobaça, a vastidão da sua biblioteca e a dedicação dos seus monges ao ensino testemunham a dinâmica da comunidade. Desde a segunda metade do século XIII, os monges fundaram escolas

públicas não só para o ensino de religiosos, mas abertas ao exterior. O *scriptorium* de Alcobaça se bem que idealizado e concretizado segundo os moldes de Claraval, manifestava também uma estreita relação com o meio local. Sob a orientação de um responsável, aí trabalhava um grupo de copistas a quem se associavam iluminadores e encadernadores.

O mosteiro de Santa Maria de Alcobaça foi classificado como Monumento Nacional em 1907 e inscrito na lista do Património Mundial da UNESCO em 1989. É considerado o mais importante monumento cisterciense em Portugal e um dos melhor conservados à escala europeia.

No Museu Nacional de Arte Antiga expõem-se três cálices provenientes do Mosteiro de Alcobaça. Vd. Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa) - Cálice doado pela rainha D. Dulce ao mosteiro de Alcobaça (MNAA 89 Our); Cálice do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (90 Our); Cálice do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (91 Our).

Na Biblioteca Nacional de Portugal está em depósito o acervo da Livraria do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça que integra 461 códices, cerca de 160 dos quais iluminados e produzidos no último quartel do século XII e primeiro quartel do seguinte, de que destacamos as Bíblias Alcobacenses e o Beato de Alcobaça. Vd. Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa) – *Scriptorium* e Livraria de Santa Maria de Alcobaça. Bíblias Alcobacenses e Beato de Alcobaça.

Texto: MLB/JL - Fotos: JNC

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F. e BARROCA, M.J., 2002, pp. 34-42; ALMEIDA, F., 1971, IV, p. 129; ANTT, MEM. PAROQ. 1758, vol. II, n.º 5, pp. 19-46; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 97 (de 1152, setembro, 21); Insc. n.º 151 (de [1174-1198]); Insc. n.º 152 (de [1174-1198]); Insc. n.º 157 (de 1178, maio, 10); Insc. n.º 289 (de 1223, agosto, 6); Insc. n.º 516 (de 1308, abril, 6); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 115 (de 1152, setembro, 21); Insc. n.º 173 (de [1174-1198]); Insc. n.º 174 (de [1174-1198]); Insc. n.º 179 (de 1178, maio, 2 ou 10); BOISELLIER, S., 2012, p. 183; COCHERIL, M., 1989, pp. 19-80, 90-91, 103; GEPIB, 1935-60, I, pp. 799-805; MARQUES, J., 2006, pp. 277-313; NASCIMENTO, A.A., 2018, pp. 107-152; RODRIGUES, J., 2007, pp. 11-16, 55, 91-93; ROSAS, L.M.C., 1995, II, pp. 25-37; SIPA; SOUSA, B.V., 2016, pp. 105-108.

Mosteiro de Santa Maria - Jacente da Rainha D. Urraca

ENTRANDO NA ABADIA DE ALCobaça, e dirigindo-se para a zona do transepto, o visitante deparará, no braço sul, com a Sala dos Túmulos, uma construção neogótica erguida segundo projeto do inglês William Elsden executada por volta de 1770. Este espaço, pioneiro na arquitetura

neogótica em Portugal, foi criado para albergar os túmulos dos reis, rainhas e infantes que, desde a demolição da galilé de Alcobaça, no primeiro quartel do século XVI, no tempo do abade D. Jorge de Melo (1505-1519), tinham sido deslocados para junto da capela de São Bernardo, no transepto